

CURRÍCULO “TOY STORY” DA EDUCAÇÃO INFANTIL: por um currículo brincante e brincalhão para bebês e crianças pequenas

CURRICULUM "TOY STORY" THE EARLY CHILDHOOD EDUCATION: for playful curriculum and for infants and small children

José Damião Rocha¹

Resumo: Estudamos brinquedos, brincadeiras e materiais como proposta curricular da educação infantil. Faz-se indagações: os (as) pedagogos (as) sabem escolher, organizar e usar brinquedos, brincadeiras e materiais na creche e pré-escola com bebês e crianças pequenas? Desde 2006 a Pedagogia passou a ser *lócus* de formação de pedagogos (as) para cuidar e educar recém-nascidos, bebês e crianças pequenas. Apresentamos investigações sobre o brincar, vinculada às pesquisas no Programa de Educação da UFT, que vem pesquisando brinquedos, brincadeiras e materiais na transição do bebê, da casa à creche ou às instituições congêneres. É uma questão fundante da formação do (a) pedagogo (a), para os gestores municipais, para os centros de educação infantil, coordenadores pedagógicos, formadores, membros dos conselhos municipais de educação, pesquisadores em educação, nos tempos e espaços atuais, em que recém-nascidos, bebês e crianças pequenas passaram a frequentar instituições públicas de educação infantil, com currículo nacional e em tempo integral.

Palavras-chave: Currículo da Educação Infantil. Brinquedos e brincadeiras. Educação infantil.

Abstract: Study toys, games and materials as proposed curriculum of early childhood education. It makes up questions: the (as) teachers (as) know how to choose, organize and use toys, games and materials in day care and preschool with infants and children? Since 2006 Pedagogy became locus of teachers training (as) to care for and educate newborns, infants and children. We present research on the play, linked research on the UFT Education Program, which has been researching toys, games and materials in the transition from baby, home to day care or to similar institutions. It is a foundational issue of formation of (a) teacher (a) for municipal managers, for early childhood education centers, educational coordinators, trainers, members of the municipal councils of education, researchers in education, in the times and current spaces, that newborns, infants and children were attending public institutions of early childhood education, with national curriculum and full-time.

Keywords: Curriculum of Early Childhood Education. Toys and games. Childhood education.

1 INTRODUÇÃO

“Toy Story” é um filme de 1995, em que os personagens centrais são brinquedos do quarto de um menino de oito anos, o Andy Davis. O aniversário de Andy está chegando e os brinquedos estão nervosos. Afinal de contas, eles temem que um novo brinquedo possa substituí-los. O brinquedo favorito de Andy é um cowboy de pano, o Xerife Woody. O que Andy não sabe é que quando os humanos não estão olhando, os brinquedos ganham vida. Woody é considerado o líder dos brinquedos do quarto. Woody é muito amigo de Slinky, um cão com molas, que é muito fiel ao cowboy. Andy ainda possui outros brinquedos: o porquinho, o porco-cofrinho; o Senhor cabeça de batata; rex, o tiranossauro de brinquedo; Betty, a pastora de ovelhas.

O filme é um pretexto para chamar à reflexão o brincar, os brinquedos e materiais na educação infantil. Para cuidar e educar é preciso conhecer sobre os recém-nascidos, os bebês e as crianças

¹ Doutor em educação pela Universidade Federal da Bahia. Professor Adjunto do Curso de Pedagogia UFT. E-mail: <damiao@uft.edu.br> ORCID <<https://orcid.org/0000-0002-5788-7517>>

pequenas: o que é relevante na estimulação primária e como estas se desenvolvem e apreendem numa “pedagogia das relações”.

A partir da “pedagogia da infância”, precisamos pensar propostas curriculares específicas para o atendimento das crianças de 0 a 5 anos nas instituições de educação infantil. Outro aspecto fundamental é a formação e atuação do (a) pedagogo (a) para implementar a “pedagogia das relações”.

Um dos aspectos essenciais dessa relação é o “olhar”, não apenas estar atento ao olhar dos recém-nascidos, dos bebês, mas também educar o olhar dos (as) pedagogos (as), que nessa interação se observam e se percebem mutuamente. Nessa dinâmica se conhecem e identificam-se necessidades e interesses dos gestos comunicacionais das crianças.

O olhar, ao permitir a percepção dos acontecimentos ao redor, propicia, em especial, o “conhecimento de mundo” articulado aos outros eixos do currículo da educação infantil: “formação pessoal e social”, “identidade e autonomia”. Os direitos de aprender dos recém-nascidos, bebês e das crianças pequenas constituem o eixo central do currículo da educação infantil.

Embora o atendimento extradomiciliar e assistencial tenha mais de um século de história, somente na LDB de 1996, a educação infantil, foi reconhecida como direito da criança, da família, dever do Estado e primeira etapa da educação básica. E em função da curta trajetória da educação infantil como etapa de educação no Brasil, se tem trabalhado na formação do (a) pedagogo (a) com uma concepção genérica de criança, baseada em fases do desenvolvimento humano behavioristas.

2 CONCEITUANDO ALGUNS TERMOS

A educação infantil, na legislação educacional vigente, compreende: a creche, englobando as diferentes etapas do desenvolvimento da criança até 3 (três) anos e 11 (onze) meses; e a pré-escola, com duração de 2 (dois) anos.

Tem por objetivo o desenvolvimento integral da criança até 5 (cinco) anos de idade, em seus aspectos físico, afetivo, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade. Seus sujeitos situam-se na faixa etária que compreende o ciclo de crescimento e desenvolvimento, com condicionalidades a ser consideradas em cada tipo de atendimento.

É chamada de “recém-nascida” a criança do período que vai do nascimento até 1 mês de idade; de “bebê” aquela entre o 2º e o 18º mês, e “criança” aquela entre 18 meses até 12 anos de idade. Até os 18 meses, o bebê precisa ser cuidado pelos seus responsáveis e por profissionais, no atendimento de seu direito de crescer e se desenvolver, como, por exemplo: engatinhar, andar, alimentar-se e ser auxiliado nas demais necessidades fisiológicas e interativas.

A “infância” é o período que vai desde o nascimento até aproximadamente o décimo-segundo ano de vida da criança. O termo “criança pequena” utilizado neste texto refere-se à criança de zero a seis anos. E “estimulação primária” nos referimos ao processo multidimensional (exercícios, técnicas, atividades e demais recursos utilizados) para potencializar as funções cerebrais e a psicomotricidade de recém-nascidos e bebês no seu processo de desenvolvimento integral.

Conforme as pesquisas médicas as crianças recém-nascidas dormem praticamente 90% do tempo; nos 10% restantes, estão acordadas em função da alimentação. À medida que crescem, porém, os períodos de sono vão encurtando até atingir o ritmo normal que se estabelece em torno dos 6 ou 7 meses de idade. E conforme a fonoaudiologia, por volta dos 6 meses, o bebê já expressa os primeiros sons e balbucios.

Bebês e crianças pequenas encontram-se em uma fase de vida em que dependem intensamente do adulto para sua sobrevivência. Precisam, portanto, ser cuidadas e educadas, o que implica: ser auxiliadas nas atividades que não puderem realizar sozinhas; ser atendidas em suas necessidades

básicas físicas e psicológicas; ter atenção especial por parte do adulto em momentos peculiares de sua vida.

A resolução que instituiu diretrizes da educação infantil foi precedida por um parecer que trata de várias questões relativas à educação infantil (Parecer CNE/CEB nº 22/98, de 17/12/98) chegando a ponderar sobre a relação pedagogo/criança, indicando a proporção: 1 pedagogo (a) para 6 a 8 bebês de 0 a 2 anos; 1 pedagogo (a) para cada 15 crianças de 3 anos; 1 pedagogo (a) para cada 20 crianças de 4 a 6 anos.

Comumente, os estudos sobre recém-nascidos e bebês são realizados com a forte influência das áreas da saúde (pediatria, psicologia, fonoaudiologia), nos quais se destacam os aspectos da maturação e prontidão para aprender, como se os bebês se manifestassem apenas pelas suas reações orgânicas, desreferenciadas do interacionismo social.

Foi Freud quem rompeu “com a ideia de bebê como “tubo digestivo” e da criança como anjo assexuado que toda uma tradição mistificou” (COUTINHO, 2012: 243). Para os pesquisadores da educação infantil, três grandes movimentos são considerados, na perspectiva de constituição do campo teórico dos estudos da infância.

[...] inicia com o estudo da criança com Darwin; a criação da pediatria e a sua relação com a psicologia do desenvolvimento e, por fim, o desenvolvimento do construtivismo social da infância. O autor refere à soberania de uma sobre a outra dimensão, natural-cultural, em determinados momentos históricos e abordagens, mas defende que hoje o estudo da infância emerge como uma área inter e multidisciplinar, tendo a difícil tarefa de congregar as diferentes áreas do conhecimento como um todo coerente (PROUT, 2008 citado por COUTINHO, 2012: 244).

Conforme Coutinho (2012), os estudos da infância na relação natureza e cultura perpassam pela tendência da biologia evolucionista no período de 1880 à segunda década do século XX, e na sequência, pela influência das áreas da medicina, da psicologia e da sociologia, com aportes da antropologia e da história.

Nos tempos atuais, conforme o documento “critérios para um atendimento em creches que respeite os direitos fundamentais das crianças” (MEC/SEB, 2009), a política pública que respeite a criança pequena, necessita avaliar se as estas têm direito à brincadeira; à atenção básica; a um ambiente acolhedor, seguro e estimulante; a desenvolver sua curiosidade, imaginação e capacidade de expressão; ao movimento em espaços amplos e a expressar seus sentimentos. Se lhe é dado o direito a desenvolver sua identidade cultural, racial, religiosa e de gênero; e uma especial atenção durante seu período de ingresso/adaptação à creche.

Nessa perspectiva, nas diretrizes curriculares nacionais da educação infantil, a criança é entendida como sujeito histórico e de direitos.

Sujeito histórico e de direitos que, nas interações, relações e práticas cotidianas que vivencia, constrói sua identidade pessoal e coletiva, brinca, imagina, fantasia, deseja, aprende, observa, experimenta, narra, questiona e constrói sentidos sobre a natureza e a sociedade, produzindo cultura (BRASIL, DCNEI, 2009, p. 19).

Para além das concepções de infância e criança biologistas e psicológicas, referendamos a concepção de criança, como sujeito de direitos, considerando que estas desde que nascem são cidadãos de direitos; indivíduos únicos, singulares; seres sociais e históricos; seres competentes, produtoras de cultura; indivíduos humanos, parte da natureza animal, vegetal e mineral.

Conceber a infância e a criança na perspectiva sócio-histórico-cultural significa dizer que desejos, vontades, opiniões, capacidade de decisão, maneiras de pensar, de se expressar e as formas de compreender o mundo são construídas historicamente na cultura do meio social em que a criança vivencia.

A infância tem que ser vista não apenas na sua dimensão biológica, mas como fato social que, por refletir as variações da cultura humana, é heterogêneo. Nessa direção se partirmos da compreensão de que não há uma infância, mas infâncias, se não há um padrão único de ser criança, o trabalho a ser realizado com elas não pode ser definido, a priori, de forma descontextualizada. Se há diferentes contextos e as crianças são diferentes entre si, nem melhores nem piores, apenas diferentes entre elas, entre elas e os adultos, é preciso que a pedagogia a ser realizada também contemple as diversidades das crianças de cada grupo de crianças nas suas competências, nas suas possibilidades (BARBOSA, 2004, p. 350).

Atender a criança, cidadã de direitos, é considerar que independentemente de sua história, de sua origem social, de sua cultura e do contexto social em que vive, lhe foram garantidos legalmente direitos, e direitos iguais.

3 DEFININDO O BRINCAR, O BRINQUEDO

Ao se tratar do Currículo “Toy Story” no entorno do brincar e do brinquedo para bebês e crianças pequenas, torna-se necessário definir o que é um brinquedo, dado que o ato de brincar refere-se à ação de divertir-se, recrear-se, distrair-se, entreter-se com brinquedos, brincadeiras e jogos infantis.

Um brinquedo pode ser definido de várias maneiras, mas todas elas convergem num aspecto: um brinquedo é um objeto para a realização da atividade lúdica, isto é, do ato de brincar; e geralmente, está associado a bebês e crianças pequenas, mas também usado, para descrever objetos com a mesma finalidade voltado para adultos como forma de lazer e entretenimento.

O Instituto Nacional de Metrologia, Normalização e Qualidade Industrial (Inmetro) do Brasil, por medida de segurança, normatiza brinquedos adequados conforme a faixa etária da criança. Por esse motivo, desde 1988, o processo de avaliação da conformidade de brinquedos, conforme a Portaria Inmetro 177, tornou compulsória a certificação de brinquedos fabricados e /ou comercializados no País. Sua certificação é feita com base em um regulamento técnico harmonizado no âmbito do Mercosul.

A atividade lúdica associada, ou não, a brinquedos, é um processo complexo, pois o bebê e a criança pequena não brincam apenas por brincar. Elas brincam assumindo papéis sociais e compreendendo o próprio convívio social e preparando-se assim para a (con)vivência com as outras crianças e com os adultos, nessa pedagogia das relações.

O recém-nascido, o bebê e a criança pequena apresentam evoluções em seu desenvolvimento sensorio motor e cognitivo ao passarem do jogo do exercício ao jogo de regras, da fantasia para situações reais, e em cada uma dessas fases, há sempre diversos interesses por determinados brinquedos, brincadeiras e materiais.

4 A PESQUISA SOBRE BRINQUEDOS, BRINCADEIRAS E MATERIAIS

Como espaço de construção de conhecimento sobre o ato de brincar e suas implicações no currículo de formação do pedagogo (a), que atuarão na educação infantil, criamos na UFT no curso de Pedagogia, um laboratório sobre o brincar e brinquedos.

As proposições nesse texto resultam das pesquisas realizadas nesse laboratório vinculado ao PPGE. Seus objetivos é a investigação sobre: 1) as brincadeiras nas transições da casa à creche e da creche à pré-escola; 2) brinquedos e brincadeiras e materiais para bebês de 0 a 1 ano e meio destacando:

a) brinquedos e materiais para bebês que ficam deitados; b) brinquedos e materiais para bebês que sentam; c) brinquedos e materiais para bebês que engatinham; d) brinquedos e materiais para bebês que andam; 3) brinquedos, brincadeiras e materiais para crianças pequenas de 1 ano e meio a 3 anos e 11 meses.

O laboratório recebe bolsistas e demais acadêmicos para analisar brinquedos, jogos e brincadeiras com o intuito de produzir conhecimento sobre o fenômeno em tela e contribuir com o debate teórico-acadêmico da importância do brincar.

O laboratório possui jogos de damas, xadrez, dominó, quebra-cabeças, jogos de memória, kit construção, bonecas, carrinhos, palhaços, castor engenheiro, caminhãozinho com pinos, jipe *sniper*, moto simples, tangram, jogo de montar, jogo educativo de trânsito, caminhão magnum, sapo com rodinhas, dinossauros, corda de pular, jogo das profissões, dentre outros.

Nossa metodologia consiste no estudo e observação de brinquedos e jogos conforme o tipo, classificação, cores, faixa etária recomendada e questionamentos a quem são comumente destinados (meninas e meninos) e qual sua representação social e os estereótipos de gênero, refletindo, por exemplo, o porquê das panelinhas e princesas serem para as meninas e os super-heróis para os meninos, o porquê dessa divisão imposta pela indústria e pela cultura.

O universo infantil é estudado para oportunizar ao pedagogo (a) condições para realizar a estimulação primária de recém-nascidos e bebês e incentivar o desenvolvimento da criança pequena utilizando brinquedos, brincadeiras, jogos infantis e materiais pedagógicos.

5 O BRINQUEDO, A BRINCADEIRA E OS MATERIAIS NO CURRÍCULO DA EDUCAÇÃO INFANTIL

Brincar nem sempre foi considerado um fazer cultural importante na vida social das famílias ocidentais capitalistas. Porém, todas as crianças brincam independentemente de idade, cor, raça e gênero. É uma ação que está extremamente ligada à infância, ao bebê e à criança pequena.

O ato de brincar é uma das maneiras de estimular o desenvolvimento do pensamento, da motricidade, da afetividade e da sociabilidade das crianças. Os momentos do brincar e da brincadeira se constituem em estratégias pedagógicas importantes, pois são convites por excelência, à interação consigo, com outros, com o mundo social.

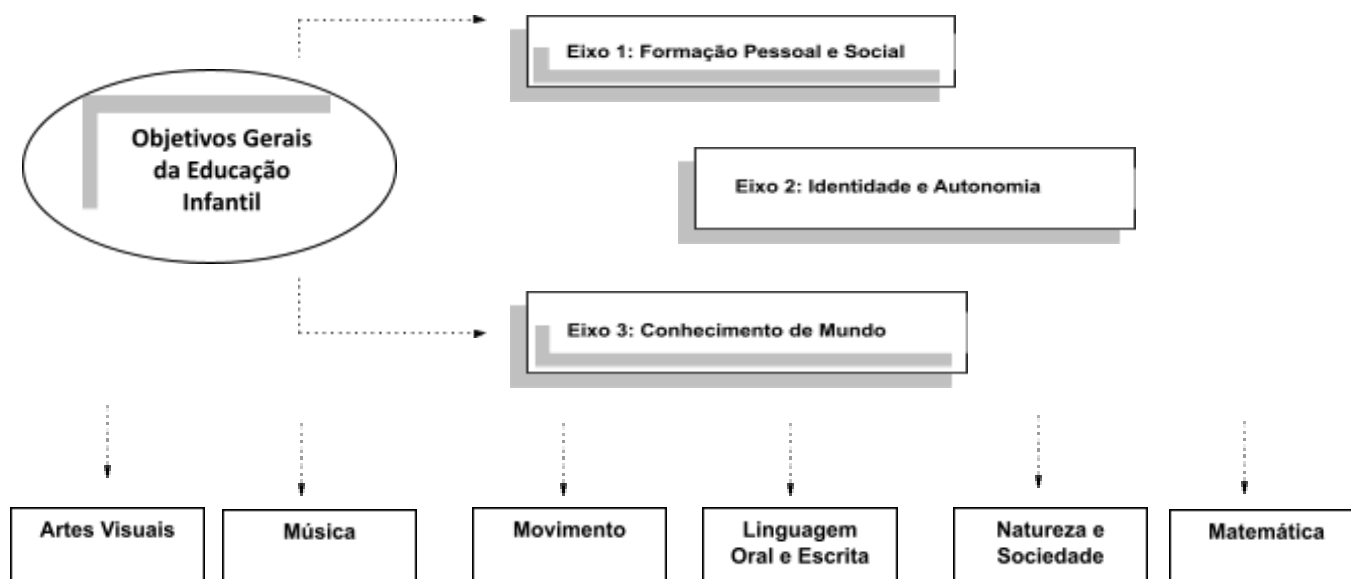
São nas situações de brincadeiras e jogos que são trabalhados conceitos, regras, valores, permitindo que sejam desenvolvidos vários aspectos do desenvolvimento infantil. Os jogos, brinquedos e brincadeiras têm uma função educativa ao estimularem o desenvolvimento integral, físico-mental e cultural da criança. Nesse processo, muitas funções cognitivas estão extremamente interligadas, assim como o afeto, a linguagem, a percepção, a representação e a construção social do pensamento infantil.

A atenção, a imitação, a memória, o imaginário são ações que desde cedo são desenvolvidas através de jogos, brinquedos e brincadeiras infantis. Brincando a criança, sozinha e/ou com outras: fantasia, interage, socializa-se, e na vivência dos diferentes papéis no “faz de conta” ela apreende os sentidos das relações sociais.

A partir desses pressupostos indagamos sobre a formação do (a) pedagogo (a) em relação ao ato de brincar e aos brinquedos, se estes sabem escolher, organizar e usar brinquedos e materiais na creche e pré-escola para bebês e crianças pequenas?

A educação infantil tem currículo oficial nacional. A criança, como parte do Estado democrático de direitos, precisa ter garantias: à dignidade e ao respeito; autonomia e participação; à felicidade, ao prazer e à alegria; à individualidade, ao tempo livre e ao convívio social; à diferença e à semelhança; à igualdade de oportunidades; ao conhecimento e à educação; a profissionais com formação específica; a espaços, tempos e materiais específicos.

Figura 1 - Representação gráfica do Currículo da Educação Infantil



Fonte: elaborado pelo autor com base no RCNEI

O acompanhamento do “como” os centros de educação infantil desenvolvem os conteúdos curriculares: movimento, música, artes visuais, linguagem oral e escrita, natureza, sociedade e matemática, com o propósito de desenvolver a formação pessoal e social, a identidade e autonomia e o conhecimento de mundo da criança, é fundamental para avaliarmos a implementação das propostas curriculares nas instituições de educação infantil.

As práticas pedagógicas que compõem a proposta curricular da educação infantil devem ter como elementos norteadores as interações e a brincadeira que garantam experiências e propiciem à criança o conhecimento de si e do mundo por meio da ampliação de experiências sensoriais, expressivas, corporais e que possibilitem movimentação ampla, expressão da individualidade e respeito aos seus ritmos e desejos.

O currículo da educação infantil precisa favorecer a imersão das crianças pequenas nas diferentes linguagens e no progressivo domínio por elas de vários gêneros e formas de expressão: gestual, verbal, plástica, dramática e musical.

Deve-se possibilitar às crianças experiências de narrativas, de apreciação e interação com a linguagem oral e escrita, e convívio com diferentes suportes e gêneros textuais orais e escritos. Recriar, em contextos significativos para as crianças pequenas, relações quantitativas, medidas, formas e orientações espaço temporais.

A partir desse pressuposto, abre-se a discussão do ingresso e adaptação de recém-nascidos, bebês nas creches.

6 O INGRESSO/ADAPTAÇÃO DE RECÉM-NASCIDOS E BEBÊS NA CRECHE

Na creche, em especial, o ingresso de recém-nascidos e bebês passa pela discussão da separação precoce dos pais biológicos ou afetivos, da família tradicional ou substitutiva e as consequências/implicações para a estimulação primária e desenvolvimento infantil, assim como da maternagem e a importância do apego.

O atendimento na creche é também chamados de “cuidados alternativos”. Esses cuidados abrangem: 1) creches e pré-escolas; 2) famílias de cuidados alternativos onde os cuidados são dispensados a um pequeno grupo de crianças na casa do cuidador; 3) cuidados dispensados por um parente; 4) cuidados na casa da criança realizado por um profissional.

A questão fundamental quando se discute cuidados alternativos é a qualidade desses cuidados dispensados a elas na creche. Há diversos fatores que interferem na adaptação do recém-nascido e do bebê à creche.

Entre eles podemos destacar sentimentos dos pais sobre o ingresso do filho na creche, a idade e temperamento da criança e a qualidade do atendimento na creche. Na maioria das vezes, estes fatores relacionam-se entre si sendo difícil examinar o papel específico de cada um no processo de adaptação aos cuidados alternativos (RAPOPORT. PICCININI, 2001: 87).

Outra questão também importante é a compreensão do papel da família, o tipo de família e sua influência e participação no processo de crescimento e desenvolvimento da criança, atentando-se para os arranjos das novas famílias na atualidade e os enfrentamentos em relação ao preconceito, os estereótipos, o sexismo e o machismo.

De acordo com Mello (2006: 499), “nenhum sociólogo, na atualidade, define família conjugal (formada por um pai, uma mãe e seus filhos) como “normal”, em oposição à suposta “anormalidade” de famílias homossexuais”. Há famílias de mães solteiras, há famílias em que convivem os avós, há famílias de casais homoafetivos.

As distintas soluções jurídicas vigentes no Brasil e na Espanha para lidar com as demandas sociais relativas aos direitos civis de casais de gays e de lésbicas são expressão concreta do entendimento consagrado no meio acadêmico de que a família é uma instituição social, resultante de um acordo entre distintos atores políticos acerca de quais agrupamentos conjugais e parentais devem contar com a proteção do Estado e a legitimidade da sociedade. Especificamente no Brasil, porém, em face do vazio legal temos nos deparado com situações contraditórias, em que a dimensão familiar dos vínculos afetivo-sexuais entre gays e entre lésbicas ora é afirmada, ora é negada (MELLO, 2006: 498).

Existem também famílias com uma estrutura de pais únicos ou monoparental, tratando-se de uma variação da estrutura nuclear tradicional, devido ao divórcio, óbito, abandono de lar, ilegitimidade ou adoção de crianças por uma só pessoa. Para além das estruturas tradicionais, existem as denominadas alternativas, sendo elas as famílias comunitárias e as famílias homoparentais.

A adaptação não é difícil somente para a criança, mas também para a família e para o(a) pedagogo(a), pois implica em reorganizações e transformações para todos. A qualidade dos cuidados pode depender em parte da formação do pedagogo (a) de serem responsivos ao considerarem a história de vida de cada criança.

Diversos fatores podem interferir nas reações e na adaptação de recém-nascidos e bebês. Entre eles podemos destacar as condições de ingresso destas nas creches que influenciam nos sentimentos dos pais, a idade e temperamento da criança e a qualidade dos serviços de atendimento na creche.

Na maioria das vezes, estes fatores relacionam-se entre si sendo difícil examinar o papel específico de cada um no processo de adaptação aos cuidados alternativos. É comum os pais/responsáveis se sentirem inseguros ou pouco seguros em relação ao bem estar da sua criança.

Muitos são os fatores que precisariam ser discutidos em relação ao bem estar e desenvolvimento cognitivo, afetivo, social, dentre outros, dos recém-nascidos e bebês nas creches.

As creches devem oferecer às crianças e suas famílias um serviço educacional que propicie a vivência de uma experiência de infância comprometida com a aprendizagem pautada na ludicidade, brincadeira, imaginação e fantasia. É nesse contexto que recém-nascidos, bebês e crianças pequenas crescem e interagem: observando, tocando, experimentando, narrando, perguntando, e construindo ações e sentidos sobre a natureza e a sociedade, recriando, deste modo, a cultura.

O trabalho pedagógico deve buscar fundamentos no que assegura as diretrizes curriculares nacionais da educação infantil em seus eixos curriculares norteadores; nos padrões de qualidade e infraestrutura para instituições de educação infantil e ainda o que indicam o manual de brinquedos e brincadeiras, todos estes documentos oficiais do governo federal brasileiro.

Contribuindo à reflexão, apresentamos alguns pressupostos para um Currículo “Toy Story”, que tem como princípio a criança como sujeito histórico e de direitos.

7 CURRÍCULO “TOY STORY” BRINCANTE E BRINCALHÃO

Um Currículo “Toy Story” brincante e brincalhão amplia a confiança e a participação dos bebês e das crianças pequenas nas atividades individuais e coletivas; possibilita situações de aprendizagem mediadas e a construção da autonomia nas ações de cuidado pessoal, auto-organização, saúde e bem-estar.

Esse currículo se pauta nas vivências éticas e estéticas alargando os padrões de referência e identidade, no diálogo e reconhecimento da diversidade. Incentiva a curiosidade, a exploração, o encantamento, o questionamento, a indagação e o conhecimento em relação ao mundo físico e social, ao tempo e à natureza.

Promove o relacionamento e a interação das crianças com diversificadas manifestações de música, artes plásticas e gráficas, cinematográficas, fotografia, dança, teatro, poesia e literatura. Potencializa a interação, o cuidado, a preservação e o conhecimento da biodiversidade e da sustentabilidade da vida na terra, assim como o não desperdício dos recursos naturais.

Essa proposição de reflexão do Currículo “Toy Story”, baseado no brincar, nos brinquedos e brincadeiras, propicia também a interação e o conhecimento pelos bebês e pelas crianças pequenas das manifestações e tradições culturais brasileiras e garante o direito de conhecer seu corpo, descobrir e construir sua identidade de gênero.

Além de fazer uso dos jogos de faz de conta e das brincadeiras da cultura popular, regional para brincar com bebês e crianças pequenas em espaços educativos, nessa proposta de currículo, destacamos como fundamental, mapear o patrimônio cultural e a natureza dos brinquedos e suas representações socioculturais.

Dar sentido aos brinquedos e materiais, incentivar os jogos infantis propicia à bebês e às crianças pequenas a vivência de situações que lhes ajudam a situarem-se e a vivenciarem emoções e sensações.

As creches e pré-escolas, na elaboração da proposta curricular, de acordo com suas características, identidade institucional, escolhas coletivas e particularidades pedagógicas, deverão estabelecer os modos de integração dessas experiências. Nesse sentido, o referencial curricular da educação infantil traz contribuição importante para o trabalho formativo com bebês e crianças pequenas. Nele, o brincar assume uma valorização fundante para a estimulação primária do bebê e da criança pequena, ao afirmar que,

[...] nas brincadeiras, as crianças podem desenvolver algumas capacidades importantes, tais como a atenção, a imitação, a memória, a imaginação.

Amadurecem também algumas capacidades de socialização, por meio da interação e da utilização e experimentação de regras e papéis sociais (RCNEI, 1998, p. 22, vol. 2).

Ao propor esse projeto formativo, é importante lembrarmos que bebês e crianças pequenas, como sujeitos de direitos, possuem experiências vivenciais: tomam decisões, escolhem o que querem fazer, interagem com os adultos, expressam o que sabem fazer e demonstram, em seus gestos, em um olhar, um balúcio, uma garatujá como estão percebendo o mundo ao seu redor.

Entre as ações de que a criança mais gosta está o brincar. Todo o período da educação infantil é propício para a introdução das brincadeiras, brinquedos e materiais, ou seja, é o que garante a cidadania do bebê e da criança pequena e ações pedagógicas de qualidade social.

Portanto, para cuidar e educar na creche, é necessário integrar não apenas o cuidado à educação, mas também a socialização à brincadeira, ao ato de brincar. Essa integração depende do projeto curricular. Não se pode planejar o currículo sem conhecer o bebê e a criança pequena, sem entender como elas crescem e se desenvolvem. Cabe à creche e à pré-escola organizar os espaços físicos e a arquitetura institucionais diferentes do lar, para cuidar e educar a criança de 0 a 5 anos e 11 meses com brinquedos de qualidade e que propiciem o brincar e a brincadeira e concomitantemente a estimulação primária e o desenvolvimento social, afetivo, cognitivo do bebê e da criança pequena.

Toda criança já traz de sua casa inúmeras experiências lúdicas que podem ser estimuladas na creche, se houver diálogo entre os pais biológicos ou afetivos ou com os responsáveis, o (a) pedagogo (a) e/ou cuidador (a).

A continuidade e a ampliação das narrativas infantis dependem do fluxo de informações entre a casa e a creche. Além disso, é importante lembrar que as crianças brincam sozinhas ou em grupos em qualquer lugar, inclusive na creche e, que elas devem ter um tempo individual para “pensar” sozinhas, para “falar” com seu amigo imaginário, ou explorar um brinquedo ou um material.

Nesse sentido, na creche deve-se prever não só a diversidade, mas a quantidade de materiais e brinquedos para garantir o brincar de cada um, cada uma e fortalecer as relações sociais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A infância, o recém-nascido, o bebê, a criança pequena, brinquedos, brincadeiras e materiais são postos em discussões nas nossas aulas na graduação e pesquisas. Entender o recém-nascido, o bebê e a criança pequena como sujeitos históricos e de direitos significa entender que nas suas interações, relações e práticas cotidianas, constrói sua identidade pessoal e coletiva. Brinca, imagina, fantasia, deseja, aprende, observa, experimenta, narra, questiona e constrói sua formação pessoal e social, identidade e autonomia e conhecimento de mundo.

Busca-se na formação do (a) pedagogo (a) estudar a importância do brinquedo, da brincadeira, dos materiais, dos jogos como artefatos lúdicos, simbólicos e como proposta curricular. Para tanto, é necessário saber escolher aqueles que contemplem as áreas de desenvolvimento infantil: cognitivo, emocional, social e identitário.

As ações comunicacionais, os gestos, o olhar dos bebês e das crianças pequenas precisam ser melhor observadas e atendidas na creche e pré-escola, compreendendo-se que: os móveis coloridos, sonoros, que se movimentam e criam cintilações encantam os bebês, que se envolvem, prestando atenção e evidenciando prazer pelo movimento dos braços e pernas.

Entender que seguir um brinquedo com os olhos, emitir sons de chocalhos do lado esquerdo e direito do bebê, balançar suavemente o bebê na rede segurando por dois adultos, ou numa colcha ou

cobertor, são brinquedos e materiais que estimulam os bebês e devem ser apresentados a eles, especialmente quando estão deitados.

Os objetos com materiais de texturas leves, como os mordedores; utilizar canecas para encher e esvaziar enquanto o bebê toma banho sentado na bacia, são brinquedos e materiais importantes para “bebês que sentam”.

Um cesto com objetos, para bebês que sentam, são estratégias pedagógicas que despertam o interesse deles. Já as cadeiras, mesas, caixas de papelão com furos são objetos que possibilitam a criação de desafios para os “bebês que engatinham”, além de brinquedos e materiais de encaixar, derrubar, tirar e pôr dentro de caixas, bater, fazer sons, cantar, pintar.

Os brinquedos e materiais, para “bebês que andam”, como os de empurrar auxiliam no aprendizado e desenvolvimento motor do andar, assim como os brinquedos de puxar. Os brinquedos de afeto (ursinhos de pelúcia, bonecos e bonecas) devem estar sempre à disposição das crianças pequenas para que elas consigam pegá-los quando quiserem.

Já as bolas são brinquedos para apertar, sentir a textura, cor e formato e deixar cair para ver como rolam. Ao deixar cair uma bola, os bebês observam como esses objetos tem movimento.

Há inúmeros tipos de brinquedos e materiais para bebês que começam a andar: brincadeiras com o próprio corpo, com movimentos, explorando a sensibilidade para a produção de sons, experiências com argilas, tintas e materiais que possibilitam a exploração, a socialização e a solução de problemas que envolvem e ampliam a experiência deles.

Escorregador, colchões, tanque de areia, construção de casinhas, sacolas e latas, brincadeira de faz de conta, dançar, desenhar, brincar na areia e na água são exemplos de brinquedos e materiais para a área interna e externa para crianças de 1 ano e meio a 3 anos e 11 meses.

E quando aqui tratamos do Currículo “Toy Story” brincante e brincalhão enfocando a diversidade de brinquedos, brincadeiras, jogos e materiais, precisamos ir além da sucata e valorizar os brinquedos caseiros, os brinquedos industrializados, tecnológicos e artesanais. É importante valorizar sua tipologia, tamanhos e materiais.

A seleção de brinquedos envolve diversos aspectos: ser durável, atraente, adequado e apropriado a diversos usos; garantir a segurança e ampliar oportunidades para o brincar; atender à diversidade racial, não induzir a preconceitos de gênero, classe social e etnia; não estimular a violência; incluir diversidade de materiais e tipos sejam estes brinquedos tecnológicos, industrializados, artesanais e produzidos pelas crianças, pedagogos (as), pais, responsáveis e familiares.

O importante é estar atento ao fato de que não se pode planejar práticas pedagógicas sem conhecer o recém-nascido, o bebê e a criança pequena. Cada uma tem peculiaridades, preferências que variam conforme sua identidade.

Os recém-nascidos, os bebês e as crianças pequenas avançam em ritmos diferentes e, portanto, deixá-las um tempo mais longo, em ambientes com variedade de brinquedos, atende aos diferentes ritmos delas e respeita a diversidade de seus interesses.

Além disso, é imprescindível possibilitar ao bebê e à criança pequena a vivência de diferentes linguagens e domínio de gêneros e formas de expressão gestual, verbal, plástica, dramática e musical através de brincadeiras e jogos com mímicas, danças, desenho, pintura, música, dentre tantos outros formatos.

Acreditamos que o Currículo “Toy Story” precisa ser estudado e pesquisado na formação do (a) pedagogo (a) e nos demais cursos de licenciaturas e por todos os que trabalham na/com a educação infantil (creche e pré-escola).

Precisamos apresentar essa dimensão brincante e brincalhona do currículo ao pedagogo (a) para garantir o direito de recém-nascidos, bebês e das crianças pequenas aos brinquedos, aos materiais e às brincadeiras, uma vez que sem interações e brinquedos e materiais de qualidade, o ato de brincar perde o sentido e significado.

Não basta a infraestrutura de creche e pré-escola com padrão de qualidade (espaço físico e ambiente arquitetônico confortável e colorido com mobiliário, brinquedos e materiais adequados) para atender o direito ao cuidado e educação de recém-nascidos, bebês e crianças pequenas, sem a atuação profissional do(a) pedagogo(a), sem o cumprimento das incumbências dos gestores públicos, dos técnicos e das secretarias e de outros segmentos que atuam nos municípios na formulação e execução das políticas públicas de educação infantil.

Esperamos que o Currículo *Toy Story* brincante e brincalhão se constitua em estratégia curricular, transforme as práticas cotidianas e o trabalho das instituições de educação infantil, garantindo o direito de recém-nascidos, bebês e crianças pequenas à educação infantil de qualidade social referenciada.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Raquel Lazzari Leite. *Trajetórias e perspectivas da formação de educadores*. São Paulo: Editora UNESP, 2004.

BORBA, Ângela Meyer. O brincar como um modo de ser e estar no mundo. In: BRASIL, MEC/SEB. *Ensino fundamental de nove anos: orientações para a inclusão da criança de seis anos de idade*. Brasília, DF: MEC/SEB, 2007.

BRASIL, MEC/SEF. *Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil*, volumes I, II e III. Brasília: MEC/SEF, 1998.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de educação fundamental. Diretrizes curriculares nacionais para a educação infantil: MEC / SEF, 2009. *Resolução CNE/CEB nº 5, de 17 de dezembro de 2009*. http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=12992:diretrizespara-a-educacao-basica&catid=323:orgaos-vinculados acesso em 22 abr. 2015.

BRASIL, MEC/SEB. *Brinquedos e brincadeiras de creches: manual de orientação pedagógica*. Brasília: MEC/SEB, 2012.

COUTINHO, Angela M^a Scalabrin. O corpo dos bebês como lugar do verbo. In: ARROYO, Miguel G. SILVA, Mauricio R. da. (Orgs.). *Corpo-infância: exercícios tensos de ser criança; por outras pedagogias dos corpos*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

CUNHA, Nylse Helena Silva. *Brinquedo, linguagem e alfabetização*. Petrópolis/RJ: Vozes, 2004.

KISHIMOTO, Tizuko Morchida. *Jogo, brinquedo, brincadeira e educação*. São Paulo: Cortez, 2008.

MACEDO, Roberto Sidnei. *Etnopesquisa crítica etnopesquisa-formação*. Brasília, DF: Liber editora, 2006.

MELLO, Luiz. Familismo (anti)homossexual e regulação da cidadania no Brasil. In: *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, 14(2): 248, maio-agosto, 2006.

OLIVEIRA, Vera Barros de (Org.). *O brincar e a criança do nascimento aos seis anos*. Petrópolis: Vozes, 2000.

OLIVEIRA, Zilma Ramos de. *Educação infantil: fundamentos e métodos*. São Paulo: Cortez, 2002.

CURRÍCULO “TOY STORY” DA EDUCAÇÃO INFANTIL ROCHA, J. D.

ROCHA, J. Damião T. *(Des)fazendo gênero: a (des)construção de práticas homofóbicas na infância através dos jogos, brinquedos e brincadeiras “educativos”*. In: 6º Congresso Brasileiro de Extensão Universitária (CBEU), realizado de 19 a 22 de maio de 2014, UFPA, Belém- Pará.

ROCHA, J. Damião T. *Por um currículo brincante e brincalhão: brinquedos e brincadeiras e materiais para bebês e crianças pequenas em creches*. In: XI Simpósio de Educação do Campus de Palmas, realizado em 2014 em Palmas-TO.

ROCHA, José Damião T.; Gonçalves, Renan Rocha. *Currículo da educação infantil: musicalização e linguagem musical com bebês e crianças pequenas em creches e pré-escolas*. In: XII Colóquio sobre Questões Curriculares. VIII Colóquio Luso-Brasileiro de Currículo. II Colóquio Luso-Afro-Brasileiro de Questões Curriculares, 2016, Recife - PE. XII Colóquio sobre Questões Curriculares, 2016. v. 1. p. 28-36.

ROCHA, José Damião T.; BRITO, Lucas. Xavier. *O currículo da conformidade e o currículo da expressividade: o corpo-criança entre o “escrupulosamente vigiado e interditado” e o “energético e persuasivo”*. In: 1ª Reunião Científica Regional Norte da ANPEd, 2016, Belém - Pará. 1ª Reunião Científica Regional Norte da ANPEd. Belém - Pará: EDUFPA, 2016. v. 1. p. 34-45.

ROCHA, José Damião T.; CARNEIRO, G. *Currículo da educação infantil: brinquedos e materiais para bebês e crianças pequenas em creches e pré-escolas*. In: XII Colóquio sobre Questões Curriculares/VIII Colóquio Luso-Brasileiro de Currículo. II Colóquio Luso-Afro-Brasileiro de Questões Curriculares: Currículo: entre o comum e o singular, 2016, Recife - PE. XII Colóquio sobre Questões Curriculares, 2016. v. 1. p. 325-327.

RAPOPORT, Andrea. PICCININI, Cesar Augusto. *O ingresso e adaptação de bebês e crianças pequenas à creche: alguns aspectos críticos*. In: *Revista Psicologia: Reflexão e Crítica*, 2001, 14(1), PP. 81-95.

SILVA, Tomaz Tadeu da. *O currículo como representação*. In: *O currículo como fetiche: a poética e a política do texto curricular*. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 1999.

ISSN 1983-1579
DOI: 10.22478/UFPB.1983-1579.2018v3N11.41937
<http://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php>

Recebido em: 23/10/2017

Aceito em: 13/08/2018

PUBLICADO EM: 02/03/2019